

# ARISTÓTELES HISTORIADOR: A OPINIÃO DOS PREDECESSORES COMO FONTE HISTÓRICA NA CONSTRUÇÃO DO MÉTODO DIAPORÉTICO

## ARISTOTLE THE HISTORIAN: THE OPINION OF PREDECESSORS AS A HISTORICAL SOURCE IN THE CONSTRUCTION OF THE DIAPORETIC METHOD

ANTONIO CARLOS DA SILVA PINHEIRO\*

**Resumo:** São notórias as contribuições de Aristóteles para a história da filosofia. No entanto, até que ponto as citações das opiniões dos predecessores feitas pelo Estagirita refletem o pensamento deles é motivo de divergências. O presente artigo visa explorar esse aspecto historiográfico de Aristóteles por meio uma pesquisa exploratória de abordagem bibliográfica que ajude a compreender o conceito de “história” na *Poética* IX, 1451a36-1451b7 e o uso que o filósofo faz das opiniões dos predecessores em seu método de condução da investigação filosófica.

**Palavras-chave:** Aristóteles; história; filosofia; *Poética*.

**Abstract:** Aristotle's contributions to the History of Philosophy are notorious. However, the extent to which the Stagirite's quotations of the views of predecessors reflect their thinking is subject to disagreement. This article aims to explore this historiographical aspect of Aristotle through an exploratory research with a bibliographical approach that sustains the understanding of the concept of “history” in *Poetics* IX, 1451a36-1451b7 and the use that the philosopher makes of the opinions of his predecessors in his method of conducting philosophical research.

**Keywords:** Aristotle; history; philosophy; *Poetics*.

---

\* Professor do CEJAP Maria Joélia de Carvalho Silva, Pacajus, CE, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-3438-4482>. E-mail: ant.carlos@alu.ufc.br

Gerald A. Press (1977) inicia seu artigo intitulado *History and the Development of the Idea of History in Antiquity*<sup>1</sup>, afirmando que o desejo humano de autoconhecimento é também expresso em sua tentativa de compreender o passado como uma unidade. Disso se segue a importância da “ideia de história”, que, segundo Press (1977), “[...] desempenha um papel muito importante no pensamento ocidental moderno”<sup>2</sup>, principalmente depois do Renascimento, seja pelos vários temas desenvolvidos, bem como pelo caráter de “reflexividade” que a “[...] investigação da história da ideia de história”<sup>3</sup> apresenta, levando ao entendimento da própria “ideia de história”, pesquisa e compreensão histórica.

Diante da importância do tema, Press (1977) propõe uma questão norteadora para a investigação histórica da “ideia de história”. O seu ponto é questionar que distintos referentes o termo “história” teve para as diferentes culturas<sup>4</sup> ao longo dos séculos. Press (1977) argumenta que a questão posta nesses termos é mais satisfatória do que a antiga pergunta sobre “que ideias as pessoas tiveram sobre (o único referente estável do termo) ‘história?’”. Para Press (1977), ao perguntar pelos “diferentes referentes” do termo “história”, admitisse um desenvolvimento no conteúdo das ideias, partindo de “[...] termos que compõem o vocabulário intelectual da tradição ocidental”.

Em concordância com a perspectiva apresentada por Press (1977), o presente trabalho se propõe compreender como Aristóteles entendia a história e qual o uso ele fez dela em seu método de investigação. Para isso, será feita, primeiramente, uma breve síntese do uso do termo por dois historiadores que o antecederam, que são Heródoto e Tucídides. Como referência bibliográfica, será usada as respectivas obras desses historiadores: *História* (Heródoto) e *História da Guerra do Peloponeso* (Tucídides).

<sup>1</sup> PRESS, Gerald A. *History and the Development of the Idea of History in Antiquity*. *History and Theory*, vol. 16, no. 3, 1977, pp. 280–96. JSTOR. Disponível em: <<https://doi.org/10.2307/2504834>>. Acesso em: 26 jul. 2023.

<sup>2</sup> “[...] *the idea of history seems to play a very important role in modern Western thought*” (Press, 1977, p. 280, tradução nossa).

<sup>3</sup> “[...] *reflexivity in investigating the history of the idea of history*” (Press, 1982, p. 281, tradução nossa)

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 282.

Para o exame dessas obras, optou-se por uma abordagem combinada das escolas “analíticas” e “unitárias” – semelhante a Donald Lateiner (1989)<sup>5</sup> – guiada pelos comentários de especialistas como, Francois Hartog, Egbert J. Bakker, A. D. Morrison entre outros. Tal abordagem visa revelar como o termo “história” foi entendido por Heródoto e Tucídides. Em relação a perspectiva de Aristóteles, será utilizado principalmente a *Poética* como obra de referência para definir o sentido do termo “história” para o filósofo, bem como para comparar com aqueles que o antecederam, especificando em quais pontos eles concordam e divergem.

Partindo do pressuposto de que o termo “história” teve diferentes referentes e que o seu estudo revela um desenvolvimento no conteúdo das ideias, defende-se aqui a hipótese de que Aristóteles entendia a história como uma das obras miméticas, diferindo de outras em relação ao seu objeto e modo de representação. Sustenta-se ainda que o Filósofo foi um dos primeiros a incorporar as opiniões dos predecessores ao seu método de investigação, estabelecendo-as como pré-requisito na investigação de qualquer assunto. Por esses motivos, advoga-se que Aristóteles foi o primeiro historiador da filosofia.

A presente pesquisa se justifica mediante a compreensão de que o termo “história” compõe o vocabulário intelectual da tradição ocidental e, por esse motivo, é de extrema relevância para o esclarecimento do desenvolvimento das ideias e dos problemas que surgiram em virtude de seus usos. Para realização desta investigação, optou-se por adotar como abordagem metodológica a pesquisa exploratória-bibliográfica, por se tratar de um tipo de trabalho de natureza teórica. Acredita-se que a relevância do trabalho está em esclarecer como Aristóteles, um dos filósofos mais importantes do Ocidente, entendeu e definiu o termo “história”, bem como isso pode ter influenciado na forma de fazer história da filosofia.

## 2. PARADIGMAS HISTORIOGRÁFICOS

Não há como falar de historiografia Antiga sem mencionar aqueles que são considerados como os primeiros historiadores: Heródoto e Tucídides. Também não é possível entender o significado do termo “história” na antiguidade sem examinar as várias formas linguísticas que foram utilizadas para expressa o que se pensava ser a “história”. Portanto, recorrendo às obras

---

<sup>5</sup> LATEINER, Donald. *The historical method of herodotus*. Canada: University of Toronto Press, 1989.

dos respectivos historiadores, serão examinadas “as antigas palavras gregas”<sup>6</sup> ἱστορεῖν (*historein*), ἱστορία (*historía*), ἱστορικός (*historikós*) e seu ancestral ἵστωρ (*histôr*) a fim de explicar a ideia de história na antiguidade antes de Aristóteles.

## 2.1. Heródoto

As informações sobre a vida de Heródoto são poucas<sup>7</sup> e talvez por isso algumas divergências surgiram. Uma delas é a questão do ano de seu nascimento. Segundo M. I. Finley (1959) e Francois Hartog (1999), Heródoto teria nascido por volta de 480 a.C. em Túrios, no sul da Itália. Já para Francisco R. Adrados (1992) não há dúvida que Heródoto tenha nascido em 526 a.C., na cidade grega de Halicarnasso. A diferença entre as datas não é pequena e daria uma discussão à parte. Contudo, esse não é o problema que será discutido aqui. Reconhecendo que a dificuldade em apresentar todos os pressupostos e princípios que serviram para formulação do método<sup>8</sup> historiográfico de Heródoto é bem maior do que as questões relacionadas a sua própria biografia, o que se segue agora é uma breve análise do desenvolvimento do termo “história”, detalhando como Heródoto estabeleceu um novo significado para esse vocábulo.

Heródoto pode até ter sido o primeiro a escrever uma obra longa em forma de prosa<sup>9</sup>, mas não foi o primeiro a usar o substantivo *historía* (ἱστορία). Press (1977) afirma que o substantivo remonta à antiga palavra *histor* (ἵστωρ), que poderia se referir tanto “[...] a alguém que era conhecido pela capacidade de ‘ver’ claramente qual dos dois relatos conflitantes de um assunto emocionalmente carregado era o correto...” ou como um adjetivo que “[...] atribuía essa capacidade a alguém”<sup>10</sup>.

No primeiro caso, a palavra *histor* refere-se a um indivíduo dotado de uma espécie de capacidade judicativa. Este é reconhecido por sua habilidade

<sup>6</sup> Press, 1977, p. 283.

<sup>7</sup> Ver a “*Introducción*” de Francisco R. Adrados (1992, p. 15) em: HERÓDOTO. *Historia*. Libro I – Clío. Madrid: Editorial Gredos”. Outros que parecem confirmar essa escassez são M. I. Finley (1959, p. 27), Francois Hartog (1999, p. 32).

<sup>8</sup> Lateiner (1989) afirma que a dificuldade consiste no fato de Heródoto nunca ter apresentado de maneira clara esses pressupostos e princípios metodológicos (ver Lateiner, 1989, p. 56).

<sup>9</sup> Ver Heródoto, Libro I, 1992, p. 7.

<sup>10</sup> “[...] *to someone who was known for a capacity to ‘see’ clearly which of two conflicting accounts of an emotionally charged matter was correct, or, used as an adjective, it attributed that capacity to someone*” (Press, 1977, p. 284, tradução nossa).

de julgar entre dois relatos conflitantes de maneira racional, ou seja, sem deixar-se influenciar pelas emoções empregadas nos relatos. Segundo a definição apresentada por Press (1977), o termo ainda parece sugerir que tal capacidade era uma espécie de atributo específico de alguém que tinha, entre os seus pares, o reconhecimento de ser capaz de “*ver*” entre os relatos conflitantes qual era o correto.

Émile Benveniste (1969) foi mais abrangente afirmando que o *histor* acumulava a dupla função de juiz e testemunha<sup>11</sup>. O *histor*, segundo a definição de Benveniste (1969), era alguém procurado para dirimir certas discussões ao mesmo tempo que era tido como uma testemunha ocular. Considerando essa dupla função, Benveniste (1969) sugere que a melhor forma de compreender o sentido de *histor* seria como “quem decide por um julgamento sem apelação sobre a questão de boa fé”<sup>12</sup>, ou seja, ele daria a palavra final acerca de qualquer assunto.

O segundo uso de *histor* parece se relacionar com o primeiro, mas com uma certa modificação. Se no primeiro caso a palavra é usada para se referir a alguém que é reconhecidamente dotada da capacidade de julgar entre relatos conflitantes, sendo capaz de determinar qual estaria correto, no segundo caso a palavra era usada para qualificar uma pessoa que poderia agir semelhante ao primeiro indivíduo, mas sem ser confundido com ele. A distinção parece ser simples. Enquanto o primeiro é uma figura notoriamente reconhecida pela capacidade judicativa que possui, o segundo pode ser, eventualmente, reconhecido por agir semelhante ao primeiro. Nesse caso, o segundo indivíduo não é um *histor*, mas agiu de tal forma que sua ação é comparada à ação de um *histor*. Para exemplificar é possível usar a figura do juiz e da pessoa comum. O primeiro é um juiz e é reconhecido como tal e, conseqüentemente, por sua capacidade de julgar. O segundo, em determinada situação, pode agir como um juiz, deliberando sobre uma determinada questão. Apesar de se atribuir à ambos a mesma capacidade, somente o primeiro é de fato um juiz.

Segundo Press (1977), da palavra *histor* parece que se derivou o verbo *historein* (ἱστορεῖν) que, de acordo com Press (1977), teria sido utilizada na Era Helênica (até meados do século IV) para indicar “a atividade característica

<sup>11</sup> Benveniste, 1969, tomo II, p. 174.

<sup>12</sup> “[...] *qui tranche par un jugement sans appel sur une question de bonne foi*” (Benveniste, 1969, tomo II, p. 174, tradução nossa).

do *hístōr*<sup>13</sup>. Com “atividade característica do *hístōr*”, Press (1977) se refere a atividade de “[...] descobrir ou indagar o relato correto em um caso em que o assunto é tanto disputado quanto carregado emocionalmente”<sup>14</sup>. Por sua vez, do verbo *hístōrein* parece ter surgido, na mesma época, o substantivo *hístōria* (ἱστορία)<sup>15</sup>. Apesar de ser menos frequente, o substantivo *hístōria* passou a ser usado na Era Helênica para descrever “uma indagação ou uma investigação”<sup>16</sup> do mesmo tipo que era designada pelo verbo *hístōrein*.

Contudo, afirma Press (1977), é com Heródoto que “[...] o substantivo passou a indicar os resultados de tais indagações, escritas ou não”<sup>17</sup>. É com a publicação do seu relato sobre as *Guerras Persas* que Heródoto passou a usar o termo não apenas como a descrição de uma ação investigativa (*hístōrein*), ou um tipo de investigação (*hístōria*), mas o resultado da combinação dessas<sup>18</sup>. Press (1977) afirma que “o que subjaz a esses usos é uma ideia-atividade: a história como indagação de informações precisas sobre pessoas, coisas ou eventos”<sup>19</sup>. Assim, Heródoto parece assumir o papel do *hístōr* que julga entre os relatos conflitantes qual é o correto, mas também acrescenta um novo elemento ao seu trabalho, estabelecendo a obra escrita como resultado desse “ver” do *hístōr*. Nesse sentido, Heródoto aparenta instituir o que se pode chamar de elementos básicos de uma historiografia<sup>20</sup>.

O termo historiografia<sup>21</sup> deve ser entendido aqui como o registro escrito de relatos ou realizações. Como proposto por Press (1977), esse registro passou a ser compreendido como o resultado das indagações do *hístōr*, ou seja, como

<sup>13</sup> Press, 1977, p. 284

<sup>14</sup> “[...] *finding out or inquiring the correct account in a case where the matter is both disputed and emotionally charged.*” (Press, 1977, p. 284, tradução nossa). Press (1977) oferece algumas passagens que parecem comprovar tal afirmação (ver Press, 1977, p. 284, n. 11).

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 284.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 284. Algumas referências a passagens do segundo livro de Heródoto em que esse substantivo supostamente foi usado no sentido apresentado podem ser encontradas em Press (1977, p. 284, n. 12).

<sup>17</sup> “[...] *the noun came to indicate the results of such inquiring, and these either written or not.*” (PRESS, 1977, p. 284, tradução nossa).

<sup>18</sup> *Ibid.*, p. 284.

<sup>19</sup> “*What underlies these uses is an activity-idea: history as inquiring for accurate information about persons, things, or events*” (Press, 1977, p. 284, tradução nossa).

<sup>20</sup> A. D. Morrison (2020, p. 29) afirma que a descrição de Heródoto como “*pater historiae*”, feita por Cícero, deve levar a compreensão de Heródoto não como o “primeiro historiador, nem mesmo o seu ápice”, mas como alguém “absolutamente crucial para determinar o caráter e a forma do gênero da historiografia” (tradução nossa).

<sup>21</sup> Ver Fontoura, 2016, p. 22.

aquilo que resulta da reflexão e do julgamento de um determinado indivíduo. Tal definição parece se confirmar na leitura inicial da obra de Heródoto. Já no próêmio da *Historia*<sup>22</sup>, Heródoto descreve os seus registros como a “exposição dos relatos das investigações de Heródoto de Halicarnasso” (Ἡροδότου Ἀλικαρνησέος ἱστορίας ἀπόδεξις)<sup>23</sup>. A forma e a descrição como a obra é apresentada atestam a sua natureza, enquanto a identificação da autoria parece corroborar para identificação de sua origem e lhe emprestar alguma autoridade.

A forma é o modo como o relato foi conservado através dos tempos, ou seja, sua forma escrita. A descrição consiste nas próprias palavras que Heródoto utilizou para descrever o seu relato como uma “exposição” (ἀπόδεξις) de suas “investigações” (ἱστορίας). Egbert J. Bakker (2002) explica que *apodexis* (ἀπόδεξις) caracteriza-se tanto como a realização de grandes feitos como o registro deles, o que reforça a natureza do relato como um tipo de registro<sup>24</sup>. Contudo, tão importante quanto *apodexis* é o termo *historiē* que o antecede, complementando e aparentemente revelando uma dependência de um para com o outro. Segundo Bakker (2002):

No quadro das *Histórias* e na realidade histórica que ela evoca, a *historiē* é o que possibilita a *apodexis*, seja sob a forma de opiniões apresentadas por personalidades históricas, seja como uma realização por parte dos agentes do processo histórico: a grande realização do passado que se tornam uma *apodexis* especificamente no contexto da *História* de Heródoto (Bakker, 2002, p. 29)<sup>25</sup>.

De acordo com as palavras de Bakker (2002), é possível compreender que a obra de Heródoto passa a reunir sob o mesmo termo (*historia*) a ideia de *historiē*, como sendo a reunião de “opiniões apresentadas por personalidades

<sup>22</sup> Apesar da obra original não ter um título, Egbert J. Bakker explica que “*History*” ou “*Histories*” são formas de como a maioria dos leitores da obra de Heródoto a chamam (ver “*The Making of History: Herodotus’ Histories Apodexis*” em Brill’s Companion to Herodotus, 2002, p. 3).

<sup>23</sup> *Hdt.*, I.1.0 (tradução nossa). As citações gregas de Heródoto foram retiradas do site do Perseus, disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0125%3Abook%3D1%3Achapter%3D1%3Asection%3D0>.

<sup>24</sup> Bakker, 2002, p. 28.

<sup>25</sup> “*Within the framework of the Histories and in the historical reality that it evokes, historiē is what makes apodexis possible, either in the form of opinions presented by historical personalities or as a matter of accomplishment on the part of agents in the historical process: the great achievements of the past that become an apodexis specifically in the context of Herodotus’ History*” (Bakker, 2002, p. 29, tradução nossa).

históricas” ou suas realizações, e *apodexis*<sup>26</sup> como o registro dessas opiniões ou realizações. Isso não só confirma o que foi dito anteriormente por Press (1977) acerca do uso de *historia* por Heródoto, como chama atenção para o papel do *histor* na elaboração da *historia*. A relação entre eles parece ser lógica à medida que a *historia* é entendida como o resultado de habilidades como ver<sup>27</sup>, julgar e descrever. Essas habilidades pressupõem um agente capaz de realizá-las, portanto, é deste modo que o *hisor* passa ser uma figura importante para o desenvolvimento da ideia de história em Heródoto.

Heródoto parece fazer questão de marcar bem a participação do *hisor* na elaboração da *historia*, associando a “exposição dos relatos das investigações” a sua própria pessoa. Essa associação aparenta reforçar um caráter pessoal da *historia*. Recordando a primeira definição de *hisor* apresentada por Press (1977), o *hisor* é alguém capaz de “ver” entre relatos conflitantes qual o correto. Como A. D. Morrison (2020) bem apontou, “[...] Heródoto emprega uma inteligência crítica aguçada para coleta, avaliação e apresentação de suas fontes”<sup>28</sup>. Iniciando pela opinião dos persas, Heródoto passa a apontar os pontos divergentes entre os grupos étnicos e finalmente “[...] restringe seu próprio relato ao conhecimento do qual ele pode ter certeza”<sup>29</sup>. Assim, o que Morrison (2020) sugere, e o que parece subentendido nas palavras e no método de Heródoto, é que o relato não é uma descrição imparcial de opiniões ou realizações, mas o resultado de um “ver” e de um julgar de um *hisor*, que tem em sua “inteligência e julgamento”<sup>30</sup> os pontos vitais para decidir sobre suas fontes. Esse julgar também é perceptível, segundo Lateiner (1989), na seleção daquilo que Heródoto ouviu e escolheu dizer ao leitor<sup>31</sup>.

Como bem apontou Francois Hartog (1999), “descrever é ver e fazer ver”<sup>32</sup>. As palavras de Hartog (1999) não reforçam simplesmente a ideia de que a descrição tem como base um “ver”, ele é categórico em afirmar que “em Heródoto, não existe nenhuma distância entre o dizer e ver”<sup>33</sup>. Com

<sup>26</sup> Hartog (1999, p. 286) também afirma que esse termo pertence ao mundo da oralidade.

<sup>27</sup> Hartog (1999, p. 283) completa afirmando que, além de um “ver”, há também um “ouvir” que resulta em “saber”.

<sup>28</sup> “[...] *Herodotus employs a sharp critical intelligence to the collection, assessment and presentation of his sources...*” (Morrison, 2020, p. 43, tradução nossa).

<sup>29</sup> “[...] *restricts his own account to knowledge of which he can be certain*” (Morrison, 2020, p. 43, tradução nossa).

<sup>30</sup> Morrison, 2020, p. 43.

<sup>31</sup> Lateiner, 1989, p. 59.

<sup>32</sup> Hartog, 1999, p. 261.

<sup>33</sup> *Ibid.*, p. 264.

isso, Hartog (1999) afirma não haver dissociação entre o resultado e a ação, confirmando que a *historia* em Heródoto é tanto a ação investigativa quanto o relato descritivo dela. Porém, a participação do sujeito que “vê” não se restringe apenas ao “ver”, mas também ao querer “fazer ver”. Assim, Hartog (1999) acrescenta um elemento importante à ideia de história em Heródoto: a persuasão.

Essas descrições fazem ver e fazem ver um saber: têm o olho como ponto focal, já que é ele que as organiza (o visível), delimita sua proliferação e as controla (campo visual), bem como as autentifica (testemunha). É, pois, ele que faz crer que se vê e que se sabe, é ele que é produtor de *peithô*, de persuasão: eu vi, é verdadeiro (Hartog, 1999, p. 264).

Ao querer “fazer ver”, Heródoto usa da *historia* como uma ferramenta de persuasão, induzindo seus leitores a aceitação dos seus relatos. Para isso, Heródoto utiliza sua própria figura como a autoridade validadora desses relatos. O que Heródoto parece fazer aqui é aproveitar a notoriedade que o *histor* possuía diante da comunidade como elemento de convencimento e a partir dele validar o seu relato. Ao introduzir a persuasão como elemento constitutivo da ideia de história para Heródoto, Hartog (1999) revela também um outro elemento implícito: o destinatário.

A própria natureza da persuasão já sugere a necessidade de um outro que se visa convencer. Nesse sentido, a *histor* para Heródoto não é um tipo de saber desinteressado, mas um saber dotado de intencionalidade. D. Lateiner (1989) defende algo parecido quando sustenta a tese de que “as Histórias têm método, propósito e construção literária conscientes”<sup>34</sup>. Hartog (1999) argumenta que por meio de “marcas da enunciação” – o uso de certas palavras por parte do narrador, pronomes pessoais de 1ª pessoa ou pronomes demonstrativos etc. –, ou pela ausência delas, Heródoto indica ao destinatário como receber o quadro descritivo apresentado e como ele dever ser lido<sup>35</sup>. Conclui-se, então, que a história para Heródoto seria uma certa investigação, organizada em forma de registro escrito, das opiniões apresentadas por personalidades históricas e/ou suas realizações a partir do olhar de um certo indivíduo que tem por finalidade persuadir seu(s) destinatário(s) através de sua exposição.

<sup>34</sup> “[...] *the Histories have a conscious method, purpose, and literary construction*”. (LATEINER, 1989, p. 3, tradução nossa)

<sup>35</sup> Hartog, 1999, p. 269. Para mais informações sobre o “método histórico de Heródoto”, ver texto de D. Lateiner (1989).

M. I. Finley (1959) comentou que se há poucas informações sobre Heródoto, sabe-se menos ainda sobre Tucídides<sup>36</sup>. Pela forma que Tucídides entendia a história e por suas próprias palavras<sup>37</sup>, especula-se que ele tenha vivido próximo ao período da Guerra de Peloponeso. Como Hartog (1999)<sup>38</sup> bem observou, o “ver” que está subtendido na proposta de Heródoto é um dos pontos que levaram Tucídides a elaborar sua própria ideia de história. Partindo do pressuposto de que o fazer história implica em “ver” o desenrolar dos acontecimentos, a história do passado passa a ser vista como uma impossibilidade. É a partir da impossibilidade de uma história do passado que Tucídides, segundo Hartog (1999), propõe a ideia da única forma de história possível: a história contemporânea.

Por defender a história contemporânea como a única “factível”, Hartog (1999) explica que Tucídides chegou a ser considerado o primeiro historiador de fato, passando a servir de modelo para os historiadores “positivistas”<sup>39</sup>. Tucídides, no entanto, não aparenta ter rompido inteiramente com Heródoto. Na verdade, A. D. Morrison (2020) chegou a afirmar que Heródoto preparou o cenário para Tucídides aperfeiçoá-lo<sup>40</sup>. O que Tucídides parece fazer é – aproveitando<sup>41</sup> certos elementos da ideia de história de Heródoto – propor um novo tipo de história que enfatiza mais o “ver” e o papel de testemunha ocular do *histor*. Como explica Hartog (1999):

O sentido jurídico de *histor* (aquele em que devemos acreditar é aquele que viu e não aquele que ouviu) indica claramente uma inferioridade do ouvido com relação à vista. Para Tucídides, o saber histórico funda-se antes de tudo na *ópsis* (ou eu próprio vi, ou interrogo alguém que viu – e, nos dois casos, pode-se falar de *ópsis*); quanto à *akoé*, não tem ela grande

<sup>36</sup> Finley, 1959, p. 217.

<sup>37</sup> Finley (1959, p. 217) sustenta, como base numa declaração de Tucídides, que ele tenha nascido por volta de 460 a. C.

<sup>38</sup> Hartog, 1999, p. 277.

<sup>39</sup> Hartog, 1999, p. 278.

<sup>40</sup> Morrison, 2020, p. 29.

<sup>41</sup> Zacharias Rogkotis (2006) sustenta a hipótese de que a obra de Tucídides exhibe certas semelhanças metodológicas com Heródoto, bem como a influência deste sobre o historiador. (ver ROGKOTIS, Zacharias. “Thucydides and Herodotus: Aspects of Their Intertextual Relationship”. eds. A. Rengakos and A. Tsakmakis. In Brill’s Companion to Thucydides. Boston: Brill, 2006, p. 57-86).

valor de verdade, motivo por que o passado não pode ser conhecido com certeza (Hartog, 1999, p. 283).

Ao estabelecer o “ver” como fundamento do “saber histórico”, Tucídides reforça o papel do *histor* como o juiz/testemunha descrito por Benveniste (1969). O *histor* é aquele que goza de certa confiança da comunidade e tem a prerrogativa de decisão sobre determinada causa, atuando não só como juiz, mas como se fosse uma testemunha ocular da causa resultante do conflito<sup>42</sup>. O que habilita o *histor* como autoridade parece ser uma certa credibilidade que ele tem junto à comunidade, fruto de um saber notório. A diferença entre a ideia de história de Heródoto e a de Tucídides parece partir da fonte desse saber.

Como Hartog (1999) sugere, para Heródoto o saber pode ter tanto “o ver” quanto “o ouvir” como fontes<sup>43</sup>. Dessa forma, a história para Heródoto seria um tipo de saber que poderia ser construído a partir de coisas que ele tenha visto, mas também como fruto de coisas que ele tenha ouvido<sup>44</sup>. Isso foi o que se tentou demonstrar ao investigar os vocábulos *historiē* e *apodexis*. Em ambos os casos, o *histor* seleciona, a partir de seus próprios princípios, aquilo que será comunicado. Sobre quais princípios Heródoto fundamenta sua decisão é algo de difícil determinação, como afirma Lateiner (1989)<sup>45</sup>.

Apesar de admitir “o ver” e “o ouvir” como fontes válidas para produção de saber ou conhecimento, Heródoto não parecer dar a mesma credibilidade ou atenção a tudo que ouviu, omitindo deliberadamente certas informações<sup>46</sup>. Hartog (1999) ainda explica que os relatos de Heródoto pressupõem “[...] um mundo onde é natural que a palavra valha como conhecimento”<sup>47</sup>, onde a oralidade domina amplamente. Nesse sentido, o diferencial de Heródoto é apresentar por meio da escrita esse conhecimento, não que isso lhe desse maior credibilidade, mas simplesmente porque Heródoto não queria que essas informações fossem esquecidas ou alteradas com o passar do tempo<sup>48</sup>. A autoridade continua repousando sobre quem diz, mas muda de figura

<sup>42</sup> Benveniste, 1969, tomo II, p. 174.

<sup>43</sup> Hartog, 1999, p. 283.

<sup>44</sup> Lateiner (1989, p. 56) menciona que Heródoto teria listado mais de trezentos informantes.

<sup>45</sup> Lateiner, 1989, p. 59.

<sup>46</sup> Um exemplo disso são os casos relacionados a Ciro, apontados por Lateiner (1989, p. 60), em que Heródoto informa omitir certos relatos historiográficos (ver *Hrd.* I. 95. 1; 177; 214.5). Para outros exemplos, ver também Hartog (1999, p. 292).

<sup>47</sup> Hartog, 1999, p. 284.

<sup>48</sup> Ver *Hdt.*, I.1.0.

quando Heródoto se coloca como esse que diz, contrastando com a antiga tradição épica<sup>49</sup>.

Com Tucídides parece haver uma mudança na forma como ele apresenta os seus relatos e no foco entre as funções do *histor*. Logo no início do seu texto, Tucídides expressa algumas diferenças em relação a Heródoto. O primeiro ponto é o modo como a obra é apresentada: “O ateniense Tucídides escreveu [sobre] a guerra...” (Θουκυδίδης Ἀθηναῖος ξυνέγραψε τὸν πόλεμον...) <sup>50</sup>. A primeira mudança que pode ser observada é a ausência do termo *historiē*, que Hartog (1999) afirma que Tucídides jamais utilizou<sup>51</sup>.

A proposta de Tucídides parece reforçar mais a função testemunhal do que a judicativa. Isso aparentemente teve um papel importante para a mudança de visão acerca da ideia de história. Lateiner (1989) sugere que Tucídides estabeleceu os princípios metodológicos ou “[...] a regra que os historiadores antigos endossavam ao lidar com os eventos do passado muito recente”<sup>52</sup>. De acordo com Lateiner (1989), a regra consistia em que:

[...] o historiador não deve aceitar a versão do informante aleatório ou o que parece plausível para ele, mas deve basear seu relato publicamente em relatos de testemunhas oculares que são meticulosamente comparados, uma vez que a memória e a lealdade (para não mencionar a perspectiva limitada no campo de batalha) produzem versões conflitantes (I. 22. 2-3; Lateiner, 1989, p. 76, tradução nossa)<sup>53</sup>.

A descrição de Lateiner (1989) parece reforça a hipótese anterior de que Tucídides passou a valorizar mais a função testemunhal do *histor*. Vale ressaltar que não há aqui, necessariamente, uma substituição de uma função por outra. O historiador continua tendo a dupla função de “juiz/testemunha” que o *histor* desempenhava, mas, diferente de Heródoto, suas escolhas não

<sup>49</sup> Hartog, 1999, p. 286.

<sup>50</sup> *Tcd.* 1.1 (tradução nossa). Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0199>>. Acesso em: 03 de ago. de 2023. Optou-se por acrescentar a preposição “sobre” na tradução para completar o sentido do acusativo que coloca “*tὸν πόλεμον*” como objeto direto e assunto de “*ξυνέγραψε*” (ξυνέγραψε).

<sup>51</sup> Hartog, 1999, p. 17. Por esse motivo não foi utilizada a tradução de Mario da Gama Kury (2001) para *Tcd.* 1.1.

<sup>52</sup> “[...] *the rule that ancient historians endorsed when dealing with the events of the very recent past*” (Lateiner, 1989, p. 76, tradução nossa).

<sup>53</sup> “[...] the historian must not accept the random informant’s version or what merely seems plausible to him, but must base his published account on eye-witness reports which are meticulously compared, since memory and allegiance (not to mention limited perspective on the battlefield) produce conflicting versions (I. 22.2-3).”

são mais fruto de uma decisão arbitrária. Tucídides, segundo Lateiner (1989), estabelece como critério para tomada de decisão, sobre aquilo que parece confiável ou não, a seleção das testemunhas e a comparação dos relatos.

Tim Rood (2006) em seu artigo intitulado *Objectivity and Authority: Thucydides Historical Method*, explica que Tucídides tenta “[...] construir uma imagem de si mesmo como um narrador imparcial”<sup>54</sup>. Assim como no início da *História* de Heródoto, a primeira linha da obra não serve apenas como apresentação da autoria e assunto, mas também como base para construção da autoridade das informações. Ao se apresentar como ateniense (Ἀθηναῖος), Tucídides revela sua ligação estreita com a Guerra do Peloponeso ao mesmo tempo que parece convencer seus leitores de que suas informações são confiáveis justamente por ele ter sido uma testemunha ocular dos acontecimentos. O que parece estar por trás dessa simples apresentação é, de certa forma, a defesa da validade dos escritos de Tucídides a partir da prerrogativa de que ele poderia descrever os acontecimentos, com uma maior credibilidade, simplesmente pelo fato de ter participado desse momento da história dos atenienses. Como afirma Rood:

A alusão de Tucídides à sua nacionalidade no início de sua *História* não apenas aumenta sua autoridade ao estabelecer sua estreita ligação com “a guerra do Peloponeso e dos atenienses”. Tucídides também estava se alinhando com dois importantes predecessores da prosa: o geógrafo e mitógrafo Hecateu e o Historiador Heródoto (Rood, 2006, p. 230)<sup>55</sup>.

Como participante e testemunha ocular dos acontecimentos, Tucídides parece advogar para si uma posição privilegiada<sup>56</sup> que lhe daria um certo poder para julgar as versões e os informantes a partir da identificação das testemunhas oculares e da comparação dos seus relatos. As fontes de informação histórica seriam validadas por meio da comparação dos relatos de outras testemunhas que também participaram do desenrolar dos eventos. Contudo,

<sup>54</sup> “[...] *build up a n image of himself as an impartial narrator*” (Rood, 2006, p. 229, tradução nossa).

<sup>55</sup> “*Thucydides’ allusion to his nationality at the start of his History does not merely boost his authority by establishing his close link with “the war of the Peloponnesians and Athenians”. Thucydides was also aligning himself with two important prose predecessors: the geographer and mythographer Hecataeus and the historian Herodotus*” (Rood, 2006, p. 230, tradução nossa).

<sup>56</sup> Rood (2006, p. 230) cita uma outra passagem em que Tucídides faz questão de se aprestar como ateniense e do momento em que ele foi exilado. Este exílio, para Rood (2006), teria proporcionado a Tucídides “[...] uma excelente posição para obter informações de ambos os lados” (Rood, 2006, p. 230, tradução nossa).

a identificação dessas testemunhas só seria possível se o próprio historiador tivesse a certeza de que elas estiveram presentes, ativa ou passivamente, no momento dos acontecimentos. Essa certeza, por sua vez, só poderia ser obtida se o próprio historiador também fosse uma testemunha ocular dos fatos. Assim, Tucídides parece ratificar a sua própria regra acerca de como o historiador deveria basear seu relato ao mesmo tempo que confirmaria a ideia de história contemporânea como a única factível.

As palavras de Rood (2006) também confirmam o que foi dito anteriormente sobre uma certa ligação que Tucídides manteve com Heródoto. Alguns dos elementos historiográficos de Heródoto permanecem também na obra de Tucídides, por exemplo, a escrita como resultado das reflexões e do julgamento de um determinado indivíduo, bem como uma forma de registro da investigação acerca dos relatos ou realizações. Um outro ponto da historiografia de Heródoto, que ainda persiste na proposta de Tucídides, é a ideia da história como resultado de um ver. O nome de Tucídides no início de sua obra, assim como de Heródoto, não marca só autoria, mas serve também para lembrar ao leitor que tal relato é resultado de um ver particular, dirigido ao convencimento de seus destinatários.

A proposta de Tucídides se diferencia de Heródoto, basicamente, por sua mudança em relação a forma como o *histor* deve julgar os relatos. A mudança não se trata de um rompimento, mas de uma espécie de reordenamento da função do *histor*. Agora a função de testemunha tem primazia em relação ao juiz. Apesar de sutil, o impacto sobre a forma de fazer história é radical. Para que o *histor* julgue os relatos e determine qual é digno de confiança ou não, ele deve necessariamente ter estado presente como testemunha ocular dos eventos. A sua presença é necessária para legitimar a sua escrita como alguém não que ouviu, mas que viu os acontecimentos. Isso afasta a possibilidade de uma história do passado, feita apenas com base nos relatos de informantes aleatórios e no julgamento arbitrário de um indivíduo, ao passo que estabelece a história contemporânea como a única factível.

### 3. ARISTÓTELES E AS OPINIÕES DOS PREDECESSORES

Émile Boutroux (2000, p. 141) afirma que Aristóteles “[...] foi o verdadeiro fundador da linguagem científica universal”<sup>57</sup>. Com essa afirmação, Boutroux parece mirar nas contribuições de Aristóteles na ressignificação de algumas

<sup>57</sup> Boutroux, 2000, p. 141.

palavras, dando-lhes um sentido mais rigoroso, e na ampliação do vocabulário<sup>58</sup> da língua ática por meio da criação de novos termos. Sendo assim, além de sua fama de “ledor”<sup>59</sup>, Aristóteles também figura como um notável escritor. Essas características parecem ser relevantes para compreensão do pensamento do Estagirita. Portanto, levando em conta esses pontos iniciais, a análise da própria definição de história dada por Aristóteles deve ser o ponto de partida.

Com efeito, o historiador e o poeta não no dizer coisas com metro ou sem metro diferem (pois seria possível colocar os escritos de Heródoto em metros e em nada seria menos história com metro que sem metros); mas diferem nisto: em o primeiro dizer as coisas que aconteceram e o segundo as que poderiam acontecer. Por isso, a poesia é algo não só mais filosófico, mas também mais elevado que a história; pois a poesia diz de preferência as ações de modo universal e a história, as ações de modo singular (*Poética*, IX, 1451a36-1451b7)<sup>60</sup>.

Se em Heródoto e Tucídides a análise das palavras é relevante, em Aristóteles não só as palavras, mas também o espaço dedicado para apresentação dessas e a forma como as define. Começando por esse último ponto, Aristóteles inicia sua definição propondo que o que distingue o *historiador* (ιστορικός) do *poeta* (ποιητής) não é o “dizer coisas com metro ou sem metro” (*Poética*, IX, 1451b), mas “o objeto” e “modo” próprio de ser<sup>61</sup> de suas representações. A forma como Aristóteles constrói sua definição do conceito de *história*, partindo do esclarecimento daquilo que diferencia ou separa o “historiador” do “poeta”, ao mesmo tempo em que admite que ambos dizem alguma coisa, parece indicar não só diferenças, mas pelo menos um ponto de contato entre eles.

<sup>58</sup> Para uma lista de palavras criadas por Aristóteles, ver Boutroux, 2000, p. 141-142.

<sup>59</sup> “Diz-se que Platão, tendo notado o zelo e a vivacidade de espírito de Aristóteles, o chamava ‘o ledor’ e ainda ‘a inteligência’” (Boutroux, 2000, p. 32).

<sup>60</sup> “ὁ γὰρ ἱστορικός καὶ ὁ ποιητής οὐ τῷ ἢ ἔμμετρα λέγειν ἢ ἄμμετρα διαφέρουσιν (εἴη γὰρ ἂν τὰ Ἡροδότου εἰς μέτρα τεθῆναι καὶ οὐδὲν ἦττον ἂν εἴη ἱστορία τις μετὰ μέτρου ἢ ἄνευ μέτρων): ἀλλὰ τοῦτω διαφέρει, τῷ τὸν μὲν τὰ γενόμενα [5] λέγειν, τὸν δὲ οἷα ἂν γένοιτο. διὸ καὶ φιλοσοφώτερον καὶ σπουδαιότερον ποιήσις ἱστορίας ἐστίν: ἡ μὲν γὰρ ποιήσις μᾶλλον τὰ καθόλου, ἡ δὲ ἱστορία τὰ καθ’ ἕκαστον λέγει” (Aristóteles, 2018, p. 56-7, *Poética*, IX, 1451a36-1451b7).

<sup>61</sup> No prefácio da tradução da *Poética*, publicada pela editora Autêntica (2018), o prof. Jacyntho Lins Brandão (2018, p. 10) afirma que Aristóteles foi o responsável pela elaboração do modelo teórico que se aplicava ao *corpus* da literatura disponível na época. O modelo seria constituído, basicamente, de três parâmetros simples: em quê (os meios), o que (os objetos) e como (os modos).

Aristóteles é claro ao afirmar que a metrificacão não diminuiria o valor histórico dos escritos de Heródoto. Por outro lado, o objeto e o modo desses escritos marcam uma distinção fundamental para o Estagirita. No primeiro caso, os objetos são descritos como “as coisas que aconteceram” ou “as que poderiam acontecer”. As primeiras são objetos da “história” enquanto as outras seriam próprias da “poética”. Já em relação aos modos de representação desses objetos, a “história” é sempre representação do “particular” (καστος) e a “poética” é sempre “universal” ou “geral” (καθλου). Assim, a “história” é uma representação de coisas particulares que aconteceram enquanto a “poética” consiste numa representação de coisas que universalmente poderiam acontecer. Desta forma, descartada a metrificaco como elemento distintivo e demonstrado os pontos que de fato revelam as diferenças entre o “historiador” e o “poeta”, resta apontar o ponto de contato entre eles.

Ao voltar-se mais uma vez às palavras de Aristóteles, constata-se que o que “historiador” e “poeta” têm em comum é o “dizer” (λγειν). O Filósofo é luminoso ao afirmar que não é no “dizer” que o “historiador” difere do “poeta”, visto que ambos dizem algo sobre alguma coisa de um determinado modo. O primeiro diz coisas que aconteceram de uma maneira particular. O segundo diz coisas que poderiam acontecer de maneira generalizada ou universal. O primeiro diz coisas que alguém “fez” (παθεν) ou que “lhe aconteceu” ou “experimentou” (πραξεν)<sup>62</sup>. O segundo diz coisas que certo personagem “dirá” (λγειν) ou “fará” (πρττειν) de acordo com a “verossimilhança” (εικς) ou a “necessidade” (ναγκιν)<sup>63</sup>. Um diz coisas factíveis enquanto o outro diz coisas possíveis. Logo, se por um lado, os objetos e modos distinguem o “historiador” do “poeta”, por outro, é no “dizer” que eles se assemelham.

Nesse ponto, Aristóteles parece estabelecer como o papel do “historiador”, o dizer coisas particulares que aconteceram. Mas por quais meios o “historiador” deve dizer essas coisas o Filósofo não especifica nessa passagem, apenas afirma que “com metro ou sem metro” isso não desabonaria o seu valor histórico. Será em uma passagem posterior que Aristóteles parece responder mais claramente essa questão. Aparentemente aludindo a esse “dizer” dos “historiador”, Aristóteles o descreve como *narrativas históricas* (ιστοριαι τς συνθσεις)<sup>64</sup>. Malcolm Heath (2009)<sup>65</sup> parece concordar com essa

<sup>62</sup> *Poética*, IX, 1451b10.

<sup>63</sup> *Poética*, IX, 1451b8-9.

<sup>64</sup> *Poética*, XXIII, 1459a21-22.

<sup>65</sup> HEATH, Malcolm. Cognition in Aristotle’s Poetics. *Mnemosyne*, 62 (1), p. 51-75. White Rose Research Online. Disponível em: <[https://brill.com/view/journals/mnem/62/1/article-p51\\_4](https://brill.com/view/journals/mnem/62/1/article-p51_4)>.

suposta alusão quando afirma que ao mencionar Heródoto na *Poética*, IX, 1451b5-7, Aristóteles provavelmente estaria pensando na “história narrativa”<sup>66</sup>.

Heath (2009) entende que Aristóteles vê o “trabalho do historiador” apenas como a produção de um relato sobre o que aconteceu<sup>67</sup>. É aparentemente dessa compreensão simples do “trabalho do historiador” que Aristóteles coloca a “poética” em uma posição privilegiada em relação à “história”. Nas palavras do Filósofo, “[...] a poesia é algo não só mais filosófico, mas também mais elevado que a história”<sup>68</sup>. Aqui, mais uma vez, é necessário observar como Aristóteles constrói sua definição. O primeiro ponto a ser observado é que Aristóteles não está comparando a “história” com a “poética” apenas, mas contrastando-as com o pensamento filosófico. É supostamente em vista da proximidade com o pensamento filosófico que Aristóteles atribui o grau de superioridade de uma sobre a outra.

Nesse ponto, Aristóteles parece apresentar mais um elemento distintivo entre a “história” e a “poética”. Além dos tipos de objetos e o modo como são expressos pelo dizer do “historiador” e do “poeta”, Aristóteles também aparenta usar o “pensamento filosófico” como critério de avaliação. Heath (2009) parece identificar o “pensamento filosófico” com a busca pelo “porque” determinadas coisas seguem um determinado padrão<sup>69</sup>. Heath parece apoiar-se no modo com que a “história” e a “poética” se referem as coisas, justificando a relevância de uma em relação à outra a partir da proximidade desse tipo de pensamento. Segundo Heath (2009), “o ponto de Aristóteles em *Poética* 9, então, é que os historiadores não estão comprometidos com o projeto explanatório sistemático e profundo que é a filosofia”<sup>70</sup>.

A justificativa de Heath, para tal afirmação, reside no fato de que historiadores como Tucídides, ainda que possam observar um “padrão recorrente” nos assuntos humanos, não explicam por que esse padrão é recorrente<sup>71</sup>. Com isso Heath não está dizendo que Tucídides fosse incapaz de perceber a “verdadeira causa” da Guerra do Peloponeso, mas que qualquer causa que

xml>. Acesso em: 19 de ago. de 2023.

<sup>66</sup> *Ibid.*, p. 63 (13).

<sup>67</sup> *Ibid.*, p. 64 (14).

<sup>68</sup> *Poética*, IX, 1451b5-6.

<sup>69</sup> Heath, 2009, p. 63-4 (13-4). O Autor (2009) parece partir da ideia de *causa*, desenvolvida por Aristóteles em suas obras, para definir o que caracteriza o “pensamento filosófico”.

<sup>70</sup> “*Aristotle’s point in Poetics 9, then, is that historians are not committed to the systematic, deep explanatory project that is philosophy*” (Heath, 2009, p. 64 (14), tradução nossa).

<sup>71</sup> *Ibid.* p. 64 (14).

ele aponte será sempre referente aquele evento, ou seja, a sua explicação consistiria em “[...] apenas um conjunto de declarações particulares sobre essa guerra em particular, não uma declaração explicitamente universal”<sup>72</sup>. Heath até especula que Tucídides pudesse ter esse padrão em mente, mas sem a explícita articulação e explicação desse padrão, a descrição de Tucídides não passaria de uma experiência (*empeiria*)<sup>73</sup>.

Em contrapartida, Heath (2009) afirma que “a descrição do trabalho do poeta é mais exigente do que a do historiador”<sup>74</sup>. A sua justificativa é que “o historiador relata uma série de eventos, enquanto o poeta constrói uma sequência de eventos”<sup>75</sup>. Ao descrever o trabalho do historiador como um “relato”, Heath parece compreendê-lo como o registro de uma “série de eventos” que são apresentados um depois do outro sem uma ligação necessária entre eles. Para Heath a falta de uma conexão causal, que explique a relação entre os eventos, tornaria a “história” inferior a “poética”. Nas palavras de Heath:

A sequência não deve ser apenas uma coisa após a outra, mas uma coisa por causa da outra, de acordo com a necessidade ou probabilidade. É isso que dá aos enredos poéticos sua universalidade; e é isso que faz da poesia – não uma filosofia, mas algo *mais* filosófico do que histórico (Heath, 2009, p. 65)<sup>76</sup>.

Mais uma vez é necessário chamar atenção para o que Aristóteles aparentemente estar fazendo. A organização hierárquica estabelecida tem o “pensamento filosófico” como critério ordenador. É comparando a “história” e a “poética” com o “pensamento filosófico” que Aristóteles parece colocar uma à frente da outra. Não se trata de dizer qual a mais importante, mas qual está mais próxima da filosofia. Ste Croix (1992, p. 29) destaca que na *Poética* IX, a “história” não é absolutamente menosprezada, mas é dito apenas que ela é menos filosófica e valiosa do que a poesia. Heath (2009, p. 64 (14)), por

<sup>72</sup> *Ibid.* p. 64 (14).

<sup>73</sup> *Ibid.* p. 64 (14).

<sup>74</sup> “*The poet’s job description is more demanding than the historian’s*” (Heath, 2009, p. 65 (15), tradução nossa).

<sup>75</sup> “*The historian reports a series of events, while the poet constructs a sequence of events*” (Heath, 2009, p. 65 (15), tradução nossa).

<sup>76</sup> “*The sequence must be not just one thing after another, but one thing because of another, in accordance with necessity or probability. That is what gives poetic plots their universality; and that is what makes poetry—not into philosophy, but into something more philosophical than history*” (Heath, 2009, p. 65 (15), tradução nossa).

sua vez, afirma que a utilidade dos relatos históricos não é necessariamente menor do que os enredos poéticos, haja vista que Aristóteles, em certas ocasiões, advogaria que a *empeiria* seria mais útil na prática do que *tebknê*.

A ordem hierárquica entre “história” e “poesia” leva em consideração a sua proximidade com o “pensamento filosófico” e no fato deste ter como principal característica a compreensão de certos padrões, identificando sua “causa”. O caso da “poética” ser mais filosófica do que a “história”, não a torna inutilizável. Nesse sentido, a história seria útil na reunião e apresentação daquilo que aconteceu de maneira individual, mas, pela falta do conhecimento ou identificação de suas causas, ela estaria desprovida da universalidade, que é aquilo que aproximá-la-ia da filosofia.

As palavras de Aristóteles comprovam que ele tinha conhecimento da obra de Heródoto e aparentemente de Tucídides<sup>77</sup>. A sua definição de “história” parece vir do conhecimento que ele possuía desses e possivelmente de outros historiadores<sup>78</sup> de sua época, Xenofonte, por exemplo. O historiador, provavelmente, foi um dos autores que teria influenciado o entendimento de Aristóteles sobre a “história” e o papel do “historiador”. Xenofonte aproxima-se de seus predecessores (Heródoto e Tucídides) à medida que trata de temas e personagens apresentados nas obras desses respectivos historiadores<sup>79</sup>. Porém, os escritos de Xenofonte são geralmente associados às obras de ficção. A justificativa para tal associação está no suposto aproveitamento de Xenofonte dos lapsos<sup>80</sup> temporais nos relatos históricos dos predecessores para, a partir daí, preenchê-los com narrativas provavelmente ficcionais<sup>81</sup>. Nesse sentido, Xenofonte parece utilizar os relatos históricos para dar aos seus relatos ficcionais um verniz de verossimilhança.

<sup>77</sup> Ste. Croix (1992, p. 24; 27) presume, a partir da referência a Alcibiades na *Poética*, IX, 1451b10, que Aristóteles teria em mente Tucídides como um exemplo desse tipo de fazer história.

<sup>78</sup> Ste Croix (1992, p. 27) sugere que Aristóteles tenha tido conhecimento de outros historiadores da época como Xenofonte, Éforo, Teopompo, Calístenes (parente de Aristóteles) e atidógrafos como Hellanicus, Cleidemus e Androtion.

<sup>79</sup> A *Cirópédia* é geralmente classificada como uma espécie de biografia parcialmente ficcional acerca da vida de Ciro. Este personagem foi tratado por Heródoto no primeiro livro das *Histórias* (ver *Hrd* 1.35.1; 46.1; 54.1; 71.1; 72.1...) e por Tucídides (I.13; 16). Para outras comparações entre a obra de Xenofonte e Hérodoto, ver a obra de Bodil Due (*The Cyropaedia: Xenophon's Aims and Methods*. Aarhus: Aarhus University Press, 1989).

<sup>80</sup> Ver Cerdas, 2011, p. 83; 109.

<sup>81</sup> Cerdas (2011, p. 102; 109) fala de uma manipulação do material histórico de Heródoto por parte de Xenofonte.

Apesar da relevância de Xenofonte, reconhecemos que um artigo não poderia dar conta desse e de outros autores que deram suas contribuições para o desenvolvimento da ideia de “história”. Dessa forma, optou-se apenas por fazer uma breve referência ao modo como Xenofonte se apropriou dos relatos históricos e como desenvolveu seu relato verossímilante. Um aprofundamento desse autor e de seu método deverá, necessariamente, passar por um estudo sobre a influência do movimento sofistas sobre o seu pensamento, bem como de uma exposição comparativa entre as obras dos predecessores e seu próprio relato. Assim, para um exame mais criterioso desses pontos, recomenda-se a leitura de obras de referência como a *Historia de la filosofía griega* (1988, v. III) de W. K. C Guthrie e especialmente o estudo publicado pelo Prof. Dr. Emerson Cerdas (2011), intitulado “A Ciropedia de Xenofonte: um romance de formação na Antiguidade”.

Além das influências de outros historiadores, alguns *scholars*, como G. E. M de Ste Croix (1992, p. 29), afirmam que o próprio Aristóteles também teria sido um historiador. A justificativa para tal afirmação estaria em uma série de obras<sup>82</sup> atribuídas ao Estagirita. Como historiador, Aristóteles reuniu e registrou uma série de eventos. Dessa forma, tendo se utilizado desse gênero, seria estranho que Aristóteles desprezasse completamente as “narrativas históricas”. Contudo, como filósofo, Aristóteles parece incorporar o trabalho do historiador ao seu próprio método de investigação.

Heath (2009, p. 64) explica que “[...] em seu papel de filósofo, Aristóteles foi capaz de detectar um padrão nos dados, explicar o padrão e usar a explicação para apoiar um argumento”<sup>83</sup>. É basicamente desses pontos que o “método diaporético”<sup>84</sup> de condução de investigação parece se constituir. Primeiramente, com o fim de “bem solucionar aporias”, Aristóteles recomenda que a investigação inicie “pelo conhecimento geral das dificuldades apresentadas pelos predecessores, das dificuldades que resultam das formulações deles e daquelas que não foram tratadas”<sup>85</sup>. No entanto, para dar esse primeiro passo, é necessário reunir as “opiniões dos predecessores”.

<sup>82</sup> Para a lista de obras, ver Ste Croix, 1992, p. 29.

<sup>83</sup> “But in his role as a philosopher, Aristotle was able to spot a pattern in the data, explain the pattern, and use the explanation to support an argument (*Pol.* 8.4, 1338b40-9a4).” (HEATH, 2009, p. 64 (14), tradução nossa).

<sup>84</sup> Para uma descrição detalhada deste método, recomendasse a leitura do artigo intitulado “Aristóteles e a pertinência do método diaporético” (*Hypnos*, v. 50, 1º sem., 2023, p. 30-42), disponível em: <<https://hypnos.org.br/index.php/hypnos/article/view/677/639>>.

<sup>85</sup> Pinheiro, 2023, p. 36. Ver também *Metafísica*, III. 1, 995a27-29.

É na reunião e apresentação das opiniões dos predecessores que Aristóteles exerce seu papel de “historiador”. Por mais que existam críticas que questionem a confiabilidade do testemunho de Aristóteles, como a feita por Harold Fredrik Cherniss<sup>86</sup>, é inegável que ao reunir e apresentar as “opiniões dos predecessores”, Aristóteles forneceu – ainda que não seja totalmente confiável – uma série de informações e autores importantes para a história da filosofia. O próprio Cherniss (1964) admiti que o material reunido por Aristóteles pode ser aproveitado por historiadores modernos, desde que “o processo de interpretação de Aristóteles” possa ser revertido<sup>87</sup>. A crítica de Cherniss é importante para lembrar que o objetivo de Aristóteles é o pensamento filosófico. Isso, no entanto, não exclui o aspecto histórico de sua obra, assim como não impede que um historiador também possa apresentar uma postura filosófica, como sugere W. K. C. Guthrie (1998) ao se referir a Tucídides como “o historiador filosófico”<sup>88</sup>.

A “história”, na busca de Aristóteles por causas que expliquem certos padrões, é incorporada como um passo metodológico na ação investigativa<sup>89</sup>. Enrico Berti (1998, p. 80) sugere que Aristóteles agia como uma espécie de juiz, julgando quais dos argumentos dos seus predecessores eram válidos ou não. As palavras de Berti lembram uma das funções do *histor* que foi apresentada no início deste trabalho e que fora exercida por Heródoto e Tucídides. Para Berti (1998), Aristóteles se apropriaria das opiniões dos predecessores como “uma espécie de confirmação histórica”<sup>90</sup>, não apenas descrevendo de maneira imparcial, mas interpretando-as e incorporando ao desenvolvimento do seu próprio pensamento.

<sup>86</sup> CHERNISS, H. *Aristotle's Criticism of Presocratic Philosophy*. New York: Octagon Books, 1964. Em 1935, Cherniss publica sua crítica a forma como os historiadores modernos da filosofia reproduzem as interpretações de Aristóteles acerca dos pré-socráticos. Para Cherniss (1964), “não há relatos nas obras de Aristóteles, porque Aristóteles não era um doxógrafo, mas um filósofo que buscava construir uma filosofia completa e final” (Cherniss, 1964, p. 347, tradução nossa).

<sup>87</sup> Cherniss, 1964, p. 347.

<sup>88</sup> GUTHRIE, W. K. C. *Historia de la filosofía griega*. Madrid: Editorial Credos, 1988, v. III, p. 92.

<sup>89</sup> Aristóteles recomenda que ao abordar qualquer tema, se deve iniciar a investigação pela “opinião do predecessores” (ver: *Met.* I. 3, 983b1-3; *Met.* III. 1, 995a27-29, também *De Anima* I. 2, 403b20-23.)

<sup>90</sup> Berti, 1998, p. 80.

A presente investigação levou à conclusão de que o termo “história” parece ter surgido a partir da figura do *histor*. Levando em consideração a dupla função de juiz e testemunha que o *histor* desempenhava, Heródoto parece ter enfatizado mais a função judicativa e a partir dessa posição definiu a “história” como uma certa investigação, organizada em forma de registro escrito, das opiniões apresentadas por personalidades históricas e/ou suas realizações a partir do olhar de um certo indivíduo que tem por finalidade persuadir seu(s) destinatário(s) através de sua exposição.

Tucídides, sem romper completamente com Heródoto, parece ter entendido que a função testemunhal do *histor* teria primazia em relação a judicativa, visto que o “historiador” só estaria em condições seguras para deliberar sobre os relatos dos informantes/testemunhas, se ele mesmo tivesse sido uma testemunha ocular dos eventos. A mudança estabelecida por Tucídides parece ter levado a ideia de que a única história factível é a história contemporânea, compreendida como o registro escrito que não resultaria apenas de uma decisão arbitrária do *histor*, mas de sua visão testemunhal.

Aristóteles, dando evidências de que não só conhecia as obras historiográficas dos seus predecessores, como também acabou se utilizando de suas contribuições, descreve-as como “narrativas históricas”. Essas foram entendidas como o relato de coisas que aconteceram de maneira particular. A ausência da “universalidade” apesar de afastar a “história do pensamento filosófico”, não a esvazia por completo de sua utilidade. O filósofo parece se utilizar da investigação histórica na medida em que reúne e registra as opiniões dos predecessores, incorporando essas ao seu método de condução da investigação. A interpretação que Aristóteles fez dessas opiniões pode ser passível de crítica, mas não invalida totalmente o relato dessas.

A busca por uma narrativa imparcial ou desprovida de algum grau de interpretação parece ser utópica. Os historiadores (Heródoto/Tucídides) não parecem ter cogitado essa hipótese. Em suas respectivas obras, eles tiveram o cuidado de vincular seus relatos ao olhar que cada um lançou sobre os eventos, divergindo entre si na forma como eles julgaram suas fontes. Aristóteles não parece muito distante, nesse aspecto, dos seus predecessores historiógrafos.

Contudo, o seu compromisso com o pensamento filosófico faz com que o Estagirita vá além do papel do historiador. Não se trata de um rompimento, com a “história”, mas um reordenamento dessa dentro de um método que tem

como primazia o pensamento filosófico. A “história” não seria, em Aristóteles, um fim em si mesma, mas um meio para se chegar ao verdadeiro objetivo da ação investigativa. Aqui vale ressaltar que não é objetivo deste artigo defender a exclusividade do uso das opiniões dos predecessores por parte de Aristóteles. É notório que outros, como seu mestre Platão, utilizaram das opiniões dos predecessores como fontes para o desenvolvimento de suas próprias ideias. O ponto que se buscou demonstrar é que o Estagirita é o primeiro a estabelecer a opinião dos predecessores como parte fundamental do método de investigação. Logo, com base no que foi apresentado aqui, parece razoável que Aristóteles seja identificado não só como filósofo, mas também um historiador da filosofia.

[Recebido em agosto/2023; Aceito em setembro/2023]

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Ed. Trilingüe. Grego – Espanhol – Latim. Trad. Valentín García Yebra. Madrid: Editorial Gredos, 1998.
- BAKKER, Egbert J.; JONG, Irene J.F. de; WEES, Hans Van. *Brill's Companion to Herodotus*. Boston: Brill, 2002.
- BENVENISTE, Émile. *Le vocabulaire des institutions ind-européennes*. Tomo II. Paris: Minuit, 1969.
- BOUTROUX, Émile. *Aristóteles*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- CERDAS, Emerson. *A Ciropedia de Xenofonte: um romance de formação na Antiguidade*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.
- CHERNISS, H. *Aristotle's Criticism of Presocratic Philosophy*. New York: Octagon Books, 1964.
- BERTI, Enrico. *As razões de Aristóteles*. São Paulo: Edições Loyola, 1988.
- FINLEY, M. I. *The Greek Historians: The Essence of Herodotus, Thucydides, Xenophon e Polybius*. New York: The Viking Press, 1959.
- FONTOURA, Antonio. *Teoria da história*. Curitiba: InterSaberes, 2016.
- GUTHRIE, W. K. C. *Historia de la filosofía griega*. Madrid: Editorial Credos, 1988. Volume III, página 92.
- HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: Ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- HERÓDOTO. *Historia*. Libro I – Clío. Introducción de Francisco R. Adrados; Traducción y notas de Carlos Schrader. Madrid: Editorial Gredos, 1992.
- HERODOTUS. *The Histories*. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0125%3Abook%3D1%3Achapter%3D1%3Asection%3D0>. Acesso em 27 jul. 2023.
- LATEINER, Donald. *The historical method of Herodotus*. Canada: University of Toronto Press, 1989.
- MORRISON, A. D. *Apollonius Rhodius, Herodotus and Historiography*. New York: Cambridge University Press, 2020.

- PINHEIRO, A. C. S. Aristóteles e a Pertinência do Método Diaporético. *Hypnos*, v. 50, 1º sem., 2023, p. 30-42.
- PRESS, Gerald A. History and the Development of the Idea of History in Antiquity. *History and Theory*, vol. 16, no. 3, 1977, p. 280–96. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2504834>. Acesso em 26 jul. 2023.
- ROAD, Tim. Objectivity and Authority: Thucydides Historical Method. In: A. Rengakos and A. Tsakmakis (eds.). *Brill's Companion to Thucydides*. Boston: Brill, 2006, p. 225-49.
- ROGKOTIS, Zacharias. Thucydides and Herodotus: Aspects of Their Intertextual Relationship. In: A. Rengakos and A. Tsakmakis (eds.). *Brill's Companion to Thucydides*. Boston: Brill, 2006, p. 57-86.
- STE CROIX, G.E.M. "Aristotle on history and poetry (Poetics, 9, 1451a36-b11)." In: A.O. Rorty (ed.). *Essays on Aristotle's Poetics*. Princeton, 1992, 23-32.
- TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Trad. Mário da Gama Kury. Edição 4ª. Brasília: UnB, 2001.